

RESENHA DO LIVRO INQUIETAS COMPANHIAS: SOBRE OS ANIMAIS DE CRIAÇÃO ENTRE OS KARITIANA

BOOK REVIEW INQUIETAS COMPANHIAS: SOBRE OS ANIMAIS DE CRIAÇÃO ENTRE OS KARITIANA

Paulo Bull*

Referência da obra completa da obra resenhada: Vander Velden, Felipe Ferreira; *Inquietas companhias: Sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Editora Alameda, 2012.

Inquietas companhias: Sobre os animais de criação entre os Karitiana, de Felipe Ferreira Vander Velden, é um livro que explora questões cruciais da etnologia brasileira à luz da relação entre humanos e animais de criação. Gênero, caça, parentesco, entre outros, são alguns dos temas que, no livro, estão direta ou indiretamente envolvidos com a associação doméstica entre humanos e não humanos, cuja complexidade social e simbólica foi, para o autor, quase completamente ignorada nas etnografias sobre os povos indígenas das terras baixas da América do Sul. O etnólogo e professor da Universidade Federal de São Carlos (UFScar) trata em seu livro do povo Karitiana, cuja língua (Karitiana) é classificada como pertencendo ao tronco Tupi. As investigações de Vander Velden são frutos de uma pesquisa de campo realizada nas aldeias da Terra Indígena Karitiana, situada no estado de Rondônia, e também de diálogos pertinentes com autores que, mesmo brevemente, fizeram menções aos vínculos simbólicos entre "criação de animais" e práticas tais como relações de afinidade, rapto de crianças e tomada de cativos e troféus de guerra.

Relatados desde a chegada dos colonizadores como presenças constantes em toda a América, os animais atualmente partilham do cotidiano das aldeias indígenas e exercem um papel efetivamente social em sua relação com os índios. Nesse sentido, o livro pretende discutir a posição dos animais domesticados nos universos social e cosmológico Karitiana, e através dessa discussão compreender como os indígenas concebem formas práticas e simbólicas para acomodarem estes seres exóticos. Vander Velden conduz suas análises lançando olhares para o interior das aldeias e dos grupos familiares, abordando os animais de criação como circunscritos ao interior desses espaços domésticos e, por conseguinte, como parte dos incessantes esforços comunitários destinados a produzir a boa vida cotidiana (cf. Overing 1991). O autor aposta que o estudo das modalidades de relação entre animais e humanos pode ter rendimento substancial para compreender a forma como os Karitiana concebem e atualizam seu estar no mundo.

Baseando-se tanto nas fontes bibliográficas disponíveis quanto na memória dos povos Karitiana, Vander Velden reconstrói a trajetória do contato desse grupo indígena e postula que o

surgimento dos animais em seu universo social e simbólico esteve intimamente ligado à penetração dos brancos no território de suas aldeias. O fato de que os animais de criação surgiram com frequência na memória narrativa do contato, leva o autor a argumentar que no sistema Karitiana de classificação dos seres tais animais são caracterizados sob o signo da *exterioridade*.

Os Karitiana narram sua história de dois modos diferentes. O primeiro modo utiliza a expressão "tempo antigamente", cujo sentido remonta a um passado remoto e distante; o segundo modo, expressado como "era tempo" (ou simplesmente "tempo") demarca eventos dos quais os Karitiana vivos estiveram próximos - ou que aprenderam diretamente com aqueles que os viveram. Somente eventos do "tempo antigamente" são considerados pelos Karitiana como histórias. Dizem os nativos, portanto, que "cachorro não tem história", já que o aparecimento de animais introduzidos entre eles se deu na "era tempo" - especificamente a partir do século XIX e do início do século XX. Ao longo de seu livro, Vander Velden apresenta o envolvimento contínuo dos brancos no processo de introdução dos animais: seja diretamente, trazendo o animal para a aldeia; seja indiretamente, ao domesticar um animal em sua propriedade e proporcionar o encontro dos indígenas com esses seres animados.

Vander Velden não se detém somente na relação entre humanos e animais introduzidos na época colonial. O autor também se debruça sobre a relação entre os indígenas e os animais nativos capturados e socializados pelos Karitiana. Mesmo trabalhando com a distinção entre dois tipos de animais de criação: *pets*, animais introduzidos domesticados; e *wild-pets*, animais nativos familiarizados (ou, especificamente, xerimbabos), Vander Velden busca demonstrar como a origem dos animais frente a esses povos indígenas pouco importa frente ao histórico de relações com eles estabelecidas.

Os Karitiana tratam os animais capturados na mata de dois modos diferentes - de acordo com o grau de sociabilidade alcançado: *bravo* (do mato, que acaba de ser tirado de lá) e *manso* (de casa). Enquanto os animais de criação, de casa ou da aldeia são o modelo de mansidão, os animais *bravos* são os *animais de caça*, já que, para os nativos, a perfeita comestibilidade está no mato. Enquanto estes últimos são classificados pelos Karitiana como *himo*, categoria supra-genérica cujo termo significa *carne*, animais (*bichos*) cujo consumo é estritamente proibido são classificados como *kida*. Dois seres emblemáticos, a onça e o gavião-real, são *donos das caças* - aqueles que efetuam a devoração de seus "subordinados" e a quem são dirigidas as orações ou rezas.

Animais familiares nativos recebem tratamento diferente daquele recebido pelos animais introduzidos: os primeiros sempre são objeto de maior atenção, gozam de maior afeição, *não se reproduzem* na aldeia, são alimentados na mão e são considerados permanentemente infantes; já os *pets* são agredidos sem motivo, recebem tratamento condizente com sua *maturidade* (o que inclui *autonomia* e *responsabilidade*), devem se alimentar por conta própria e têm *ciclos de vida*. Não obstante, entre os Karitiana, a distinção entre *pets* e *wild pets* pode ser

circunscrita pelo termo *animais de criação*. Segundo Vander Velden, A cisão entre filhotes e animais adultos - e não entre *pets* e *wild pets* - é o fator que define o modo do tratamento. Nesse sentido, por meio de uma rediscussão do termo doméstico *stricto sensu*, Vander Velden problematiza o comum argumento de que não há relação de domesticação de animais na Amazônia indígena. Baseando-se na formulação de Tim Ingold (2000: 77-88), o autor postula que a oposição entre caça, animal domesticado (*pet*) e animal familiarizado (*wild pet*) precisa ser reconsiderada, isto é, elaborada mediante o grau - e não a natureza - da forma de engajamento entre humanos e animais.

A prática da criação de animais entre os Karitiana está associada ao conjunto das relações familiares. Uma das razões que motivam a criação de animais é propriamente estética: "dá prazer", já que os animais "enfeitam a aldeia". Tal prazer estético instaura a origem da diversidade entre os nativos e é índice de capacidades agentivas e produtivas das pessoas: é, portanto, signo da produção contínua da própria socialidade. Mesmo apresentando outras razões em jogo, como a filiação, o companheirismo (no caso específico dos cães) e até mesmo a riqueza (no caso do gado), diz o autor que todas elas estão conectadas ao tema do *enfeite e produção da beleza*. Embora seja atendido pelos homens, o desejo de recolher animais na floresta surge das mulheres. Estas, para se referirem aos animais, sempre usam uma conotação de cuidado, zelo e controle: *Ym'et*, "minha criação", termo que também pode ser traduzido como "meu filho". Vander Velden sugere, portanto, que o vínculo entre humanos e animais domésticos é um vínculo de *parentesco* - expresso unicamente em termos de relação filial - associado ao universo feminino, já que cabe às mulheres os cuidados diários com as crianças e, logo, com os filhotes de animais tanto nativos quanto introduzidos.

Por meio da convivialidade, os animais se tornam parte integral do cotidiano social e cosmológico dos Karitiana independente de seu status de origem (*pet* ou *wild pet*). Segundo Vander Velden, a *familiaridade* implica que os animais deixem de ser exóticos e se tornem *filhos*, membros plenos das famílias e das comunidades. Mediante uma análise etnográfica repleta de dados, argumentos e problematizações, o autor aborda a relação entre humanos e animais no contexto amazônico em interação implícita e explícita com o debate mais amplo sobre natureza e cultura. 🌱

*Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling, and skill**. New York: Routledge, 2000.

OVERING, Joana. **A estética da produção: o senso de comunidade entre os Cubeo e os Piaroa**. Revista de Antropologia, n. 34: 7-33, 1991.